BOLETIM PROEALC
Centro de Ciências Sociais / CCS - Novembro-Dezembro de 2001 - ISSN 2175-9103 09

Boletim Número 09
Data: Novembro-Dezembro/2001

EDITORIAL

Empossado como presidente da Argentina no dia 2 de janeiro, Eduardo Duhalde atacou o receituário liberal americano e a cartilha do FMI, responsáveis pela falência do país, e prometeu a morte do "modelo liberal perverso". Nossa imprensa, como sempre colonizada e subserviente, estampou na primeira página "Presidente da Argentina culpa suspeitos de sempre" (JB, 3/1/02). Mas será que no julgamento de alguém minimamente bem informado e não comprometido com os interesses do capitalismo imperialista, ainda resta alguma dúvida que esses "suspeitos" são, de fato, reús culpados?

Em 1944, Friedrich Hayek concebeu, em um ataque reacionário furioso contra o Estado de Bem-Estar Social, as idéias basilares do que viria a ser o neoliberalismo. O que Hayek formulou, buscando ressuscitar o defunto insepulto do liberalismo clássico, foi uma das doutrinas econômicas que mais desprezaram a vida e a dignidade humana. Ele afirmava literalmente que a desigualdade era salutar para a sociedade, nada devendo ser feito em direção ao "mau" que representavam idéias igualitaristas e que uma grande massa de desempregados miseráveis como reserva de mão-de-obra era indispensável para o funcionamento do sistema. A partir de Thatcher, sua doutrina sinistra começou a ser posta em prática. Resultado: nunca vimos um mundo tão desigual e com Estados tão afastados dos interesses da maioria de sua população.

Assim, após o governo neoliberal e corrupto de Carlos Menem e o governo de traição nacional de De la Rúa - que, eleito com um discurso de oposição, manteve a mesma política econômica, chegando a elevar ao posto de "super-ministro" um dos papas do entreguismo latino-americano e ex-ministro de Menem, Domingo Cavallo - não é de surpreender a falência de nosso vizinho.

O que a falência da Argentina deve mostrar para as nações latino-americanas é que enquanto adotarmos políticas impostas pelos países capitalistas centrais, sempre sairemos perdendo. Mantendo-se o receituário liberal, a cartilha do FMI e a atual DIT, estaremos fadados a permanecer eternamente como colônias. Mantendo-se o pagamento de dívidas ilegítimas e imorais para banqueiros, os países latino-americanos estaremos definitivamente impos-sibilitados de quitar a grande dívida que realmente temos: a dívida social, cujos credores não são uns poucos capitalistas milionários, mas sim os milhões de trabalhadores que construíram todas as riquezas deste continente, enriquecendo com seu trabalho as elites parasitas que continuam a explorá-los e mante-los na ignorância, com objetivo de perpetuarem-se no poder político, continuando a adotar medidas em seus próprios interesses e de seus sócios capitalistas internacionais em detrimento dos do povo.

Só teremos uma verdadeira democracia (demos+cracia=governo do povo) quando nossos governos forem legitimados com verdadeira participação popular, adotando medidas que venham a responder aos anseios e necessidades de nossas nações e não à sede de lucros dos capitalistas. Só teremos uma verdadeira liberdade quando essas medidas forem tomadas, de forma soberana, a despeito dos interesses dos imperialistas. Somente a partir daí, poderemos decretar a morte do "modelo liberal perverso", e começar a trilhar o caminho rumo à justiça, à igualdade, e à verdadeira prosperidade.

Bruno Jorge de Oliveira Pedreira

Em Foco I

A deterioração do ensino universitário no contexto neoliberal

Silene de Moraes Freire*

As concepções neoliberais desenvolvidas nos últimos anos na América Latina se encontram vinculadas, em sua origem, aos enfoques específicos de cada sociedade, sobretudo, no que refere as propostas de desestabilização econômicas, vigentes nos vários países latino-americanos. Para compreendermos como as repercussões das políticas neoliberais se adequaram perfeitamente à nossa sociedade, como é o caso da canalização do pressuposto público para interesses privados, é importante destacar que Brasil é uma sociedade marcada por uma tradição autoritária e excludente, condensada num "autoritarismo social", que fez com que a sociedade brasileira se desenvolvesse hierarquizada. Ao contrário dos países europeus, no Brasil a cidadania não se constituiu historicamente. As classes dominantes do país se acostumaram a fazer do Estado brasileiro seu instrumento econômico privado por excelência. Desse modo, o discurso neoliberal tem assombrosa recepção ao atribuir o título de modernidade ao que existe de mais conservador e atrasado na sociedade brasileira: fazer do interesse privado a medida de todas as coisas, obstruindo a esfera pública, anulando a dimensão ética da vida social pela recusa das responsabilidade e obrigações do Estado. A desigualdade que se encontra no processo de desenvolvimento do país tem sido uma das particularidades históricas: o moderno se constitui por meio do "arcaico", recriando nossa herança histórica brasileira ao atualizar aspectos persistentes, e , ao mesmo tempo, transformando-a no contexto da globalização. Assim, não causa espanto que nos tempos neoliberais, traços significativos do atraso das elites brasileiras sejam reatualizados.

Na América Latina, o Estado vem desobrigando-se cada vez mais de cumprir com o financiamento das políticas sociais. Não é o caso, claro, de uma privatização igual a que ocorre nas empresas públicas que possuem especificidades próprias. Entretanto, existem características comuns aos dois. A principal ocorre na passagem progressiva das atribuições do Estado para a iniciativa privada. Não existe uma proposta formal, mas se privatizam as escolas, se privatizam os hospitais e os postos de saúde, e muitas outras responsabilidades sociais que anteriormente pertenciam ao Estado. Isto vem ocorrendo em várias dimensões, inclusive em países como o Chile e a Argentina, onde o conceito de ensino público e saúde pública se apresentam mais consolidados que no Brasil.

No Brasil, no caso da educação, a situação educacional atualmente é pior que a do Chile e Argentina. A escolaridade média dos 71 milhões de brasileiros que compõem a população economicamente ativa é de 3,8 anos, um dos níveis mais baixos do mundo, comparável aos do Haiti e de Honduras. Na Argentina , a média é de 8,7 anos, no Paraguai, 9 anos, e na Coréia do Sul, 11 anos. O número de analfabetos é maior e a dificuldade em conduzir o sistema educacional é imensa, devido as dimensões territoriais do Brasil. Os dados presentes na atualidade brasileira nos permitem prever que as conseqüências do neoliberalismo dificilmente serão capazes de permitir uma melhoria neste setor, o que nos coloca a obrigação de avaliar as perspectivas que possuímos para enfrentar os desafios da educação brasileira no novo milênio.

Recentemente, o Ministério da Fazenda declarou que o Estado (brasileiro) deveria desregular a relação entre escolas e pais de alunos porque "a classe média está em condições de enfrentar, por meio da negociação, o conflito com os donos das escolas". O que comprova que esse Ministério, assim como o Ministério da Educação, em nosso país, consideram que a relação entre escola e pais é puramente mercantil e deve ser tomada como qualquer outra relação de consumo. Tudo parece se passar como se tratasse de escolher em qual supermercado ou shopping center serão feitas as compras.

Em recente artigo, Rafael Alcadipani e Ricardo Bresler observaram essa questão ao ressaltarem o processo de McDonaldização do ensino que vem ocorrendo nas Universidades e escolas brasileiras que adotam o modelo da fast-imbecilização. Segundo esses autores, o cliente, o "cidadão" do ano 2000, cumpre disciplinadamente o seu papel esperando em filas e pedindo pelos mesmos produtos. Gerando ganho de escala, rapidez e maximização de resultados. Este ganho somente é possível porque vivemos no ‘mundo da velocidade’, em que tudo tem de ser rápido, como comer um número 1.

A mentalidade que vem transformando, cada vez mais, gente em produto não tem encontrado barreiras e impõe seus valores a uma parcela cada vez maior da sociedade. Até mesmo as instituições beneficentes transformaram-se em organizações "bem eficientes". Todos estão preocupados com os resultados, com os números que são conquistados através do controle que assegura previsibilidade.

Num cenário como esse, cada vez mais faculdades e universidades têm sido administradas como se fossem meros negócios. Presenciamos a proliferação dos executivos e barões da educação. Algum tempo atrás, a Veja fez uma matéria de capa em que mostrava como o Sr. Di Gênio, dono do Objetivo e da Unip, havia conseguido o "milagre de ficar milionário sendo professor". A fortuna do Sr. Di Gênio está estimada em mais de R$ 200 milhões. Diretores de Universidades se orgulham de administrar essas instituições como se fossem grandes corporações. No Rio de Janeiro, o dono da Estácio de Sá em entrevista à Folha Dirigida afirma que nunca se preocupou com a educação ou com a cidadania, que a ignorância é um "direito" e que são os dados da Estácio em termos de crescimento assustador que revelam a sua importância, em detrimento da qualidade do ensino. Dentro dessa lógica as dimensões do McDonald's tendem a ser privilegiadas, pois são a forma mais eficaz de padronizar e racionalizar para atingir "resultados". O aluno tem sido encarado como um cliente dentro do "processo do negócio educação". O bem-estar do cliente deve estar acima de tudo, mesmo que isso implique que ele não aprenda nada.

Para a grande maioria das universidades particulares, o vestibular é um mero requisito burocrático. De acordo com matéria publicada na Folha de S. Paulo em 20/01/2000, a Uniban no início do ano aceitava os pontos marcados no rascunho dos alunos que prestaram o seu vestibular. Analfabetos já conseguem ser aprovados no vestibular de Universidades como essas , como revelam as recentes reportagens sobre o Ensino Superior no Brasil, que escandalizaram a sociedade brasileira, e foram notícia até na França, no Le Monde. Várias Universidades, como a Unip, a Uniban, a Estácio de Sá, a Universidade da Cidade, estão espalhando seus cursos pelo país afora como se fossem lojas de uma cadeia de fast food. A mesma reportagem da Veja, que mencionou os milhões do patrimônio do dono da Unip, revela que algumas salas de aula da universidade chegam a ter mais de 100 alunos e que menos de 30% dos professores têm mestrado ou doutorado.

O reconhecimento da gravidade da situação educacional no Brasil obriga-nos a admitir que, com o neoliberalismo, mais longe estamos de um processo capaz de transformar indivíduos em cidadãos.

* Professora adjunta da FSS/UERJ, coordenadora do PROEALC

Em Foco II

Entrevista

No mês de novembro, a professora Dra. Marilda Villela Iamamoto, um dos maiores expoentes do Serviço Social na América Latina, autora de significativas produções na área, concedeu entrevista exclusiva ao nosso Boletim.

PROEALC – Como tem se apresentado o Serviço Social brasileiro nesse contexto?

Marilda – O Serviço Social brasileiro tem uma posição muito clara, muito explícita, que hoje vem sendo consolidada no que chamamos de projeto ético-político do Serviço Social brasileiro, na defesa da responsabilidade do Estado no âmbito das políticas universais, dos parâmetros da Constituição de 1988 que representa um tipo de resposta a questão social muito distinta da prática governamental, especialmente dos últimos dois governos do presidente Fernando Henrique Cardoso. Ao contrário do projeto da Carta de 88 (de um atendimento que respeite o controle social da população ao nível das políticas públicas, as políticas públicas universais, o pacto federativo, a descentralização como descentralização de decisões de recursos) o que se percebe hoje é a identificação do atendimento às necessidades da população quase a partir da questão orçamentária. Um livro caixa de entrada e saída de dinheiro que no fundo invertem as decisões, ao invés do orçamento respeitar a constituição, o que se tem é uma inversão e uma subversão. É o orçamento que define os direitos constitucionais, sendo que a constituição é a Carta maior desse país. Então eu acredito que o

Serviço Social brasileiro tem hoje uma posição muito clara de defesa das políticas sociais, da assistência, da saúde pública, do Sistema Único de Saúde (SUS), da Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), dos benefícios derivados e previstos nos direitos constitucionais, na preocupação com a descentralização, mas com a descentralização de decisões e recursos. O Serviço Social brasileiro tem uma preocupação bastante clara no sentido de acompanhar os orçamentos públicos, porque essa é a caixa preta das políticas sociais, porque aí está a redistribuição dos recursos. Enfim, eu acho que o Serviço Social brasileiro tem um protagonismo de estar atento a realidade do seu campo de trabalho e na defesa dos interesses dos direitos sociais, da cidadania e da democracia, e a síntese do último Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais – X CBAS – reflete claramente a posição do Serviço Social brasileiro: "os assistentes sociais contra a desigualdade para dar direito a democracia".

PROEALC – Quais os principais desafios da profissão na América Latina frente ao aprofundamento das desigualdades sociais promovidas pelos ajustes neoliberais?

Marilda – Nós temos um desafio seríssimo que é o da questão social. É ela que sintetiza esse conjunto de desigualdades de classes e diferenças de gênero e etnia e de formações regionais que se radicalizaram nesse processo, ou seja, esse processo neoliberal resulta numa enorme concentração de poder, de renda, e de propriedade territorial e num crescimento muito grande das desigualdades sociais, quase que se voltando hoje a um processo de criminalização da questão social. Qual a política oficial de enfrentamento da questão social? De um lado é a violência e a segurança, ou seja, não são mais classes laboriosas, as classes trabalhadoras são tidas como classes perigosas. Os jovens trabalhadores, especialmente, são sempre suspeitos. Uma suspeição que recai sobre a população das classes subalternas. E por outro lado, você articula a esse mecanismo repressivo, programas focalizados ao combate à pobreza. Sabe-se que a história nunca volta, porém remete-se quase que a uma expiração do passado em que a questão social era tratada com repressão e resistência. Hoje, ela é tratada sob essa forma da criminalização, da violência e também sob a forma desses programas focalizados de pobreza. Acredito que essa realidade não é apenas brasileira, é também uma realidade latino-americana, não ignorando as devidas particularidades da realidade de cada país. Estou me referindo também ao que existe de semelhante na América Latina no que se refere ao crescimento das organizações não governamentais, à refração do Estado no enfrentamento da questão social, à privatização no atendimento das necessidades sociais das grandes maiorias e a esse processo crescente de radicalização da questão social. Neste sentido, é bom lembrar que hoje se tem uma internacionalização também da questão social que atinge inclusive os países centrais do primeiro mundo, com o crescimento do desemprego, da precarização do trabalho, das diferentes formas de desigualdade e disparidade social. O desafio é enfrentar essa questão, é criar formas coletivas de enfrentamento dessas desigualdades. É desenvolver uma cultura democrática, resgatando a dimensão da esfera pública, a importância da esfera pública nesse processo, manter a luta pelos direitos sociais, porque a tendência hoje parece que é de reduzir a dimensão da cidadania, ou seja, retirar a dimensão social da cidadania. Parece que um duplo atendimento se instaura entre as camadas que tem condição de pagar serviços privados e como garantir melhores atendimentos e aquelas que não podem e por isso são relegadas aos atendimentos de baixa qualidade e desqualificadas. Para ilustrar essa situação, basta ver a mobilização do voluntariado para a população dos segmentos subalternos. Eu acho que ao combatermos essa dupla forma de atendimento também estamos garantindo o direito de cidadania, de democracia, de liberdade, que é estabelecido nos princípios do nosso código de ética.

PROEALC – Qual a sua opinião sobre o fato dos alunos da graduação estarem envolvidos com essas temáticas, pensando América Latina?

Marilda – Desde que me formei, nos anos 70, eu estou envolvida com o Serviço Social latino-americano, e percebo uma tendência a pensarmos que a América Latina são eles..... Nós somos a América Latina ! Existe a América Latina de língua espanhola e o Brasil. Temos que criar uma cultura latino-americana, que passe pelo intercâmbio profissional, pelo intercâmbio cultural, pela música, pelo teatro, pelo cinema, pelo intercâmbio das lutas sociais, do movimento indígena, dos Zapatistas no México, ou seja, eu acho que nós conhecemos pouco a riqueza e a diversidade da realidade latino-americana, e nesse sentido é muito importante que vocês da graduação estejam abrindo os horizontes e abrindo as perspectivas para a dimensão continental, pois a nossa força depende da força do conjunto da América Latina, seja ao nível profissional, seja ao nível da luta social, seja no enfrentamento do MERCOSUL ante a ALCA. É preciso pensar essa questão, especialmente num contexto de globalização. Aliás, é bom destacar que o Serviço Social conhece pouquíssimo da realidade do Serviço Social Europeu, do Serviço Social americano. É muito importante nos abrirmos para intercâmbios, pois num momento em que a globalização interfere assustadoramente na produção do mercado e da cultura, nós temos que afirmar a nossa cultura e ao mesmo tempo estar num diálogo muito aberto com as outras

culturas, porque senão acabamos ficando fora do nosso tempo. Eu acho que esse é o momento de intercâmbio na perspectiva crítica, e o Fórum Mundial é uma tentativa de articulação das forças sociais progressistas em busca de uma alternativa ao projeto neoliberal, que é algo importante e que também tem tido um protagonismo destacado do Brasil. Enfim, estou convencida de que a nossa luta além de ser uma luta nacional é também uma luta latino-americana e internacional, porque a questão com a qual nos defrontamos no Brasil não é mais um ângulo da questão brasileira, mas tem ao mesmo tempo uma universalidade que precisa ser reconhecida. Nós temos que dar conta da América Latina, dessa unidade na diversidade, recuperando as particularidades nacionais e resgatando a unidade latino-americana.

* Entrevista realizada na FSS/UERJ, em 6 de novembro de 2001, pelos estagiários do PROEALC: Aline Silveira de Assis, Bianca Messias Patacho, Douglas Ribeiro Barboza (Bolsistas de Estágio Interno Complementar) e Viviane Pereira da Costa (Bolsista de Extensão).

Espaço Aberto

Cavallo: El ocaso del gran charlatán

Miguel Kilibarda*

Ya no engaña más a nadie. Pero insiste. Sigue mintiendo. Como lo hizo en el proceso militar o con Menem. Sacando de la galera una y otra vez recetas que terminan empeorando las cosas.
Para quienes lo denunciamos hace muchos años no es sorpresa. Pero ahora somos más. Millones de argentinos van comprendiendo por la fuerza de los hechos lo funesto que para la patria ha resultado el personaje.

Modelo exitoso

Domingo Felipe Cavallo llevó con magistral pericia el timón del procesoeconómico más corrupto y decadente de nuestra historia. Tuvo éxito. Nada falló. Sus mentores se quedaron con todo. El gas, el petróleo, las rutas, el agua, la energía, los teléfonos, los aviones, los bancos, las empresas, los trenes. A nosotros, los argentinos, nos quedan las deudas, los desocupados, los bonos, la miseria, las quiebras, los asaltos, la desesperanza.

Siempre tuvo gran respaldo. Primero fueron las botas. Luego los votos. Políticos traidores que ganan elecciones diciendo lo contrario de lo que luego hacen. Y el establishment. Los especuladores de afuera y de adentro, que sin correr ningún riesgo obtuvieron y lo siguen haciendo – rentas en dólares que superan los pingües negocios que hicieron con Martínez de Hoz o durante el Plan Austral. Y los perdedores siempre los mismos. Pero cada vez son más. La renta especulativa y los intereses de la deuda externa terminaron erosionando la tasa de ganancia de los empresarios ligados al mercado nacional de producción y consumo y desmoronaron la capacidad de compra de los trabajadores argentinos que, en definitiva, son dos caras de la misma moneda.

Pero con total cinismo los voceros del pensamiento único dicen que el modelo en marcha es el único camino posible. Nada significa para ellos que desde que comenzó a aplicarse esta política - 1976 - se multiplicaron las quiebras, se derrumbó el salario, creció el endeudamiento, la desocupación, la inseguridad, la pobreza.

Nada les alcanza

Van por más. A coro los charlatanes piden otros ajustes. Alemann, Broda, López Murphy, Menem, Artana, Marx, Ruckauf Avila, Solanet, Machinea, De la Rúa, Liendo, Alsogaray, De la Sota, etc. tienen otro juguete macabro: déficit cero. No importan las consecuencias. Lo principal son los mercados. O sea, sus patrones.

Son los mismos que se turnan. Ellos contrajeron, inflaron, estatizaron y renegociaron la deuda externa. Cobraron suculentas comisiones. Aprobaron el Plan Brady, los canjes, megacanjes, blindajes, préstamos

puentes y todo artilugio posible. Siempre diciendo lo mismo: "con estas medidas iniciaremos el crecimiento y habrá bienestar para todos los argentinos".

Nada los detiene. Les es indiferente que el "cirujeo" y la mendacidad se triplicaron como medio de supervivencia de miles de personas, que varios millones de argentinos viven en la pobreza, que tres millones no tienen para comer, son indigentes. Que calificativo se merecen los responsables, por ejemplo, que 250.000 niños argentinos de hasta dos años estén condenados a un coeficiente intelectual inferior al normal? Les importará a los gurúes neoliberales que entre el 25% y el 40% (según el lugar) de los niños argentinos que nacen vivirá en condiciones desfavorables en relación con la vivienda, agua potable, enfermedades infecciosas y parasitarias? Nó, para ellos lo importante es el déficitcero. Lo importante es el mercado. El sistema financiero. Pagar los intereses de la deuda externa.

Decadencia y ocaso

El gran charlatán está en decadencia. Parece que fue hace mucho tiempo, pero apenas pasaron unos pocos meses. Exigió poderes especiales. Nuestro honesto Congreso Nacional se los dio. Cavallo comenzó lanzando medida tras medida. Manotazos a diestra y siniestra. Todos los días se iluminaba con ideas nuevas. Algunas se contradecían con la anterior. A ritmo enloquecedor recorrió varias veces el mundo. Algunas de su mágicas resoluciones las tomó desde los aviones. Así aparecieron el canje, luego el megacanje (con sus jugosas comisiones incluidas), el empalme y los numerosos planes de competitividad. Pero, como reza el refrán popular, de lo dicho nada creído y de lo visto la mitad.

De la promesa de reactivación inmediata que formulara antes de asumir, ni noticias. De lo que sí tenemos todos los argentinos certeza es de que mintió. Dijo que no habría ajustes. Y es lo que sobra. El impuesto a los cheques, la baja de salarios y jubilaciones y el recorte a las provincias son algunas muestras.

Sus mentiras ya no surten efecto. Pero el sistema sigue funcionando. El pensamiento único - no se puede hacer otra cosa, es lo único posible - todavía es la muletilla favorita de los que se han enriquecido con el modelo. Lo paradójico es que las instituciones representativas del comercio, la industria y el campo, al igual que las hormigas que llevan el veneno a su casa, sigan siendo las vidrieras para que estos charlatanes pontifiquen las bondades de las medidas que terminan fundiéndolos. La corrupción, la falta de representatividad y la carencia de valores, hacen que las víctimas besen las manos de sus verdugos.

Luchar por la Argentina que soñamos

Debemos pasar de la indignación a la toma de conciencia colectiva. Hay que cambiar las cosas. Erradicar el pensamiento único. Salir del camino decadente. Luchar con fe, esperanza y amor por la Argentina fascinante que soñamos. Por el desarrollo. Porque sin desarrollo no hay fuentes de trabajo, no hay sustento para el salario digno, no hay salud ni educación jerarquizada, ni acceso sistemático a la cultura. Pero también debemos decir, con angustia, que sin desarrollono habrá Nación real, ni paz fraterna y trascendente.

* Presidente del Movimiento de Integración y Desarrollo (MID) de la Provincia de Santa Fe. (artigo publicado no correio elet. NAC & POP).

Livros lançamentos

* Visões da Mídia sobre os Talibãs, de Marcos Bello

* Mercosul em Debate, org. de Silene de Moraes Freire. EdUERJ, 2001.

Agenda Acadêmica

* 14 de dezembro: lançamento do livro "Visões da Mídia sobre os Talibãs", Monografia de bacharelado apresentada ao Prof. Edgard Leite, do IFCH/UERJ, por Marcos Bello de Moura Luz, em janeiro de 2001. Hall do DCE/UERJ às 19:00h.

* Em março, julho, setembro e novembro de 2002, a AUNA - Asociación para la Unidade de Nuestra América (Cuba), estará realizando Congressos e Seminários (um em São Paulo e três em Havana) para discutir as relações dos EUA com Cuba e os demais países Latino-americanos.

Expediente

Reitor
Profª Nilcéia Freire
Vice-reitor
Profº Celso Pereira de Sá
Sub-reitor de Graduação
Profº Dr. Isac José Vasconcellos
Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa
Profª Dra. Maria Andréa Loyola
Sub-reitor de Extensão e Cultura
Profº Dr. André Lázaro
Diretora do Centro de Ciências Sociais
Profº Dra. Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves
Coordenadora do PROEALC
Profª Dra. Silene de Moraes Freire
Editora Responsável
Profª Dra. Silene de Moraes Freire

Assistente Editorial
Bruno Jorge de Oliveira Pedreira (PROEALC/CCS/UERJ)
Coordenação de Produção
Janaina Bilate Martins (PPGSS/FSS/UERJ), Bruno Jorge de Oliveira Pedreira (PROEALC/CCS/UERJ), André Felipe Carvalho Silva (PPGSS/FSS/UERJ) e Andreia de Souza de Carvalho (PROEALC/CCS/UERJ).
Colaboradores
Janaina Bilate Martins (PPGSS/FSS/UERJ)
Projeto Gráfico
Érica Fidelis (NAPE/DEPEXT/UERJ)
Diagramação
Bruno Jorge de Oliveira Pedreira (PROEALC/CCS/UERJ)
Revisão
Janaina Bilate Martins (PPGFSS/UERJ)